

CARTA ABERTA À CPI DAS BETS – POR UMA VOZ DAS PERIFERIAS.

Senhores Senadores e autoridades da CPI das Apostas Esportivas. Escrevo esta carta como cidadã, como filha de um pai guerreiro, como brasileira que vê com dor o que está acontecendo com a nossa juventude. Eu não represento uma estatística, eu represento uma realidade.

Minha vida nunca foi fácil. Quando eu tinha apenas dois anos, meu pai foi demitido da Pirelli Pneus, onde ganhava bem. Foi aí que tudo virou. Ou a gente comia bem ou pagava luz e água. E sabe o que ele escolhia? Honrar os compromissos. Às vezes só tinha fubá na panela. E ele dizia que não estava com fome, só para que os filhos pudessem comer. Mais tarde, fui eu quem teve que lutar. Trabalhei de domingo a domingo para pagar minha própria faculdade de Direito, enquanto meus pais cuidavam da minha irmã, que sofria de lúpus, uma doença grave, que exigia remédios caros e fraldas constantemente. A gente nunca teve luxo. A gente teve fé, esforço e dignidade.

Só que nem todos têm base ou estrutura para resistir ao que está tomando conta do Brasil: as apostas online, vendidas como sonho por influenciadores digitais. Joguei uma vez. Acreditei que poderia ganhar e mudar minha vida. Mas eu perdi. E muitos seguem perdendo, dia após dia. Não existe “moderação” quando se está desesperado. Não existe “consciência” quando se está faminto. A aposta vira vício porque se olha para o celular e se vê alguém pagando o mercado e as contas só clicando numa tela. Isso não é escolha. Isso é desespero disfarçado de oportunidade.

Tenho pessoas na minha família que precisaram vender o carro para pagar dívidas causadas por vício em apostas. E essa história se repete nas periferias, nos interiores, nos lares humildes, onde a esperança virou aposta e o futuro virou roleta. Hoje, a moda nem é só mais o “tigrinho”. São rifas, pix premiados, falsas promessas de sorte com centavos que muitas vezes fazem falta no pão da criança ou na passagem de ônibus de um pai de família. E enquanto isso, os influenciadores seguem ganhando, viajando, ostentando com o dinheiro de quem não tem nem o básico. Qualquer pessoa hoje vira influenciador, basta vender a ideia do dinheiro fácil. Mas ninguém fala do que vem depois: do vício, das dívidas, da vergonha, da destruição de famílias.

Essa CPI precisa enxergar a verdade além dos lucros. Precisa ouvir as mães que choram, os jovens que se perdem, os pais que tentam proteger seus filhos. Porque isso não é apenas uma questão econômica, é social, é moral e é espiritual.

Como diz a Palavra de Deus:

“Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se atormentaram com muitas dores.” (1º Timóteo 6:10).

Eu creio em um Brasil justo, com oportunidades verdadeiras, onde o jovem não precise escolher entre jogar ou passar fome. E onde o governo olhe para todos inclusive para as periferias.

Não estou aqui pedindo censura. Estou pedindo responsabilidade. Não estou acusando, estou clamando. Porque o que está em jogo, não é um jogo. É a vida.

Com respeito, dor e fé.

Mikaela da Silva Barros Rufino.

Formada em Direito | Mauá/SP

Mauá 13 de maio de 2025.